

ENTRE VOZES E SENTIDOS: A COMBINAÇÃO DO GRUPO FOCAL E DA ANÁLISE TEMÁTICA NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Aline Araújo¹; Carolina Melo²

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: aline.cassimiro@ufv.br

² Professora no Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: carolina.bmelo@ufv.br

Resumo

Este ensaio metodológico discute a articulação entre o Grupo Focal e a Análise Temática como estratégias complementares na pesquisa qualitativa em educação, destacando sua relevância para compreender as experiências e significados atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos educacionais. Parte-se da compreensão de que o conhecimento é produzido a partir da escuta sensível e da interpretação reflexiva, reconhecendo a subjetividade e a não neutralidade do pesquisador, que é parte ativa do processo investigativo. O Grupo Focal é abordado como uma técnica de produção de dados que se fundamenta na interação entre os participantes, permitindo observar como significados são negociados coletivamente, ao mesmo tempo em que revela tensões, valores e representações sociais. Já a Análise Temática, inspirada em Braun e Clarke, fornece um método sistemático e flexível para a interpretação dos dados, possibilitando a construção de temas analíticos que emergem de maneira indutiva a partir das falas. A articulação entre as duas técnicas pode fortalecer a combinação interna dos dados, amplia a profundidade interpretativa e contribui para a compreensão crítica da realidade educacional. Assim, este ensaio evidencia que unir rigor analítico e sensibilidade humana é fundamental para pesquisas que buscam valorizar as vozes e experiências dos sujeitos, reafirmando a dimensão ética e epistemológica da pesquisa qualitativa em educação.

Palavras Chaves: Metodologia Qualitativa; Interação Grupal; Construção de significados; Intersubjetividade.

Introdução

Este ensaio metodológico tem o objetivo de discutir a combinação entre o Grupo Focal e a Análise Temática como estratégias de investigação no âmbito da pesquisa qualitativa em educação. A proposta parte da compreensão de que o

conhecimento científico, quando produzido a partir da escuta atenta e da interpretação sensível das experiências humanas, pode contribuir para revelar dimensões subjetivas e simbólicas da realidade educacional. A pesquisa qualitativa, conforme destaca Goldenberg (2004), constitui-se como um processo interpretativo que busca compreender os significados das relações sociais, priorizando a profundidade metodológica.

O ato de pesquisar, para a autora, demanda do investigador criatividade e organização para que o processo não se restrinja aos procedimentos metodológicos, mas sim, que os utilize de forma consciente e reflexiva. Isso implica em reconhecer que a pesquisa não é neutra. Por trás de cada investigação, há um sujeito que decide, que traça percursos, que escolhe quais autores irá estudar e quais caminhos de análise seguir. Essa postura de autonomia é muito importante, como afirma a autora, "O que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar" (Goldenberg, 2004, p. 14). O pesquisador é um sujeito ativo, cuja subjetividade e trajetória são parte integrante e constitutiva do processo de produção do conhecimento.

O rigor metodológico, neste contexto, é alcançado pela coerência entre a teoria escolhida e os instrumentos aplicados, como, por exemplo, detalhando e relatando todos os caminhos que o pesquisador resolveu percorrer. A explicitação das decisões metodológicas desde a escolha das técnicas, a seleção do referencial de análise, até o processo de codificação é o que confere a credibilidade e a transparência necessárias ao estudo. Para Minayo (2002, p. 21):

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesse contexto, a abordagem qualitativa permite ir além da simples descrição de fatos, permitindo compreender a subjetividade dos participantes e acessar dimensões simbólicas de suas experiências.



Diante disso, investigar qualitativamente é compreender como os indivíduos constroem e compartilham sentidos sobre suas experiências, considerando o contexto cultural, histórico e subjetivo em que estão inseridos. Nesse contexto, o grupo focal se apresenta como uma técnica de produção de dados que valoriza o diálogo, a interação e entrelaçamento de ideias entre os participantes. Por meio de discussões em grupo conduzidas pelo pesquisador, é possível compreender como os significados são construídos coletivamente, evidenciando percepções, sentimentos e interpretações que emergem das trocas simbólicas.

A realização deste ensaio metodológico justifica-se pela relevância de aprofundar a compreensão sobre o uso articulado de diferentes instrumentos na pesquisa qualitativa em educação, especialmente o Grupo focal e a Análise temática. Em um campo marcado por diversidade de sujeitos, contextos e práticas, torna-se fundamental discutir caminhos metodológicos que favoreçam a escuta, o diálogo e a interpretação dos sentidos atribuídos pelos participantes às suas experiências. Além disso, investigar sobre a combinação destes métodos pode contribuir de forma significativa para o aperfeiçoamento do processo de produção e interpretação dos dados qualitativos, uma vez que cada técnica oferece perspectivas complementares sobre o fenômeno estudado. Essa articulação amplia a densidade interpretativa da pesquisa, permitindo que o pesquisador compreenda não apenas o conteúdo das falas, mas também os processos de construção de sentido que se desenvolvem com relações sociais.

Trata-se, portanto, de uma discussão que transcende o aspecto técnico e alcança uma dimensão epistemológica e ética, ao reafirmar a importância de abordagens que reconhecem a subjetividade como parte constitutiva da produção do conhecimento. Assim, o ensaio metodológico busca oferecer subsídios teóricos e metodológicos que orientem futuras pesquisas qualitativas em educação a fim de fortalecer práticas investigativas que unam rigor analítico e sensibilidade humana, princípios centrais da abordagem qualitativa.

O Grupo Focal para a Produção de Dados

Os Grupos Focais surgiram inicialmente nas pesquisas de marketing nos anos 1920, como uma forma de compreender melhor as percepções, atitudes e opiniões das



...pessoas diante de determinados produtos e campanhas (Andrade; Amorim, 2010). Nos anos 1970 e 1980, os grupos focais passaram a ser adotados em outras áreas, como a comunicação social, que os utilizava para analisar a percepção de telespectadores sobre programas e filmes, e a enfermagem, que os aplicava para compreender a opinião dos usuários sobre os serviços de saúde (Andrade; Amorim, 2010). Entretanto, foi no início da década de 1980, segundo Gatti (2005), que ocorreu uma redescoberta da técnica, consolidando o grupo focal como método de pesquisa qualitativa nas ciências humanas e sociais, voltado à análise da interação entre os sujeitos e à compreensão coletiva de significados.

O Grupo Focal se estabelece como uma técnica de produção de dados que se alinha à perspectiva da construção social da realidade da pesquisa qualitativa. Sua principal característica está no interesse pela interação e pelo diálogo entre os participantes. Segundo Andrade e Amorim (2010, p. 75), “os grupos focais podem ser caracterizados também como um recurso para melhor compreender o processo de construção das percepções, das atitudes e das representações sociais de determinados grupos sociais”. As ideias, os significados e as representações são entrelaçados, discutidos e negociados dentro do espaço coletivo.

O principal desafio está relacionado à generalização dos achados, uma vez que a natureza da técnica se baseia em um número reduzido de participantes, selecionados de forma específica. Contudo, a maior vantagem de se utilizar este instrumento é a diversidade e a riqueza da natureza dos dados produzidos. Ao estimular a interação, a técnica permite levantar não apenas ideias e ações, mas também valores, visões de mundo e sentimentos dos sujeitos.

Em grupos heterogêneos, o pesquisador deve redobrar a atenção às interações, uma vez que elas podem refletir relações de poder presentes fora do contexto do Grupo Focal. Essas dinâmicas podem interferir nas discussões ou demandar um cuidado especial durante a interpretação e análise dos dados. Diferenças de gênero, idade, classe, escolaridade, raça ou posição profissional, por exemplo, podem influenciar o modo como cada sujeito se posiciona ou silencia diante dos demais. Essas dinâmicas podem gerar situações de constrangimento, afetando a espontaneidade das falas e, consequentemente, a riqueza dos dados produzidos.

Diante disso, cabe ao mediador adotar uma postura sensível e ética, buscando equilibrar as participações garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. A observação atenta dessas relações é fundamental não apenas durante a condução do grupo, mas também na fase de análise, uma vez que tais assimetrias podem influenciar a construção dos significados e revelar aspectos importantes sobre o contexto social dos participantes.

Embora o Grupo Focal possa ser usado como método único de produção de dados, Gatti (2005), defende que pode também ser associado a outras técnicas, especialmente a entrevista individual e a observação participante. Essa associação permite que o pesquisador observe as reações do indivíduo a questões semelhantes em dois contextos distintos, a de um ambiente coletivo e de sua interação com o entrevistador, aprofundando a compreensão sobre a variação das percepções.

A seleção dos participantes para um Grupo Focal deve ser feita com base em certas características comuns que estão associadas ao tema da pesquisa. A escolha do perfil do grupo, seja homogêneo ou heterogêneo, depende sempre dos objetivos da pesquisa. Gatti (2005, p. 18) exemplifica as características comuns que podem ser utilizadas para seleção, tais como:

A característica comum pode ser relativa a gênero, à idade, às condições sócio-econômicas, ao tipo de trabalho, ao estado civil, ao lugar de residência, à frequência de uso de certo serviço público ou social, à escolaridade, ou outra. Por exemplo, pode-se ter a necessidade para um dado estudo, de compor um grupo só de mulheres com pouca ou alta escolaridade, mas com diferentes idades; ou de homens e mulheres de uma dada faixa etária e com o mesmo tipo de trabalho; ou de adolescentes estudantes de vários níveis socioeconômicos; ou um grupo bem heterogêneo em idade, mas de mesma condição social; funcionários de um mesmo setor do serviço público; funcionários administrativos de uma mesma empresa; operadores de determinado serviço; professores de um certo nível de ensino etc.

É fundamental que os participantes sejam selecionados com base nas vivências comuns ou relacionadas ao fenômeno em estudo, de modo que o diálogo e a interação sejam nutridos pela riqueza de suas experiências. O número de participantes recomendado varia entre seis e dez pessoas por grupo, uma quantidade maior tende a restringir a participação, dificultando a profundidade da discussão e o registro dos dados. Para conter o risco de ausências de última hora, os pesquisadores podem estender o convite a um número de até doze participantes, o que garante uma média

segura de pessoas. O tempo de duração das sessões e o número de encontros estão relacionados ao andamento e ao funcionamento das discussões no grupo.

No entanto, um máximo de quatro sessões, de 60 minutos cada uma, tem sido uma experiência positiva em pesquisas realizadas. O pesquisador-moderador avalia a necessidade de aumentar ou diminuir a quantidade e a duração desses encontros. Os locais dos encontros devem ser selecionados de forma a favorecer ao máximo a interação entre os participantes. A sala escolhida deve possibilitar que todos se vejam, preferencialmente dispostos em círculo ou ao redor de uma mesa. É fundamental que o ambiente seja livre de ruídos e interrupções, oferecendo condições de conforto, boa visibilidade, audibilidade e pontualidade no início das atividades.

Para o registro dos encontros, o pesquisador pode contar com o apoio de dois ou mais observadores-redatores, responsáveis por anotar as falas e os acontecimentos ocorridos durante as sessões do grupo. É essencial que, logo após a sessão, o moderador e os redatores se reúnam para trocar percepções e discutir os registros realizados. Essas anotações e o diálogo subsequente são de grande relevância, pois contribuem significativamente para a análise final e permitem destacar aspectos que possam ter passado despercebidos durante o registro principal.

Segundo Andrade e Amorim (2010), o recurso de registro mais comum é a gravação em áudio, devendo-se garantir a boa qualidade do som captado. Embora a gravação em vídeo seja vista por alguns autores como um método mais intrusivo, a escolha do instrumento de registro deve ser transparente e previamente comunicada aos participantes do grupo. Um cuidado que os autores nos alertam é a importância de não confundir a técnica do Grupo Focal com a entrevista coletiva. A distinção é, que enquanto o Grupo Focal busca analisar a interação e o diálogo que se estabelece entre os participantes, a entrevista coletiva ouve as opiniões individuais de cada sujeito dentro de um grupo.

Os autores enfatizam também que o papel do entrevistador varia de acordo com o método. Na entrevista coletiva, o entrevistador assume um papel mais direto, concentrando-se para ouvir a opinião de cada indivíduo para posterior comparação das respostas. Já nos grupos focais o moderador tem um papel ativo, focado em garantir que a interação do grupo seja produtiva e não saia dos objetivos da pesquisa.



Os participantes não devem se comportar como se estivesse respondendo diretamente ao moderador. Portanto, ao optar por utilizar essa técnica, o pesquisador deve garantir que o destaque de ideias e a dinâmica interacional aconteça, para que as perspectivas individuais dos participantes se sobressaiam. Além da riqueza de interação produzida no Grupo Focal, torna-se necessário adotar um caminho analítico capaz de acolher essa complexidade e transformá-la em conhecimento sistematizado. É justamente nesse ponto que a Análise Temática se apresenta como uma escolha metodológica pertinente. Essa análise oferece o rigor interpretativo necessário para compreender esses movimentos, organizando os núcleos de sentido que atravessam as discussões.

Assim, a transição entre as duas técnicas não é apenas um deslocamento procedimental, mas um aprofundamento epistemológico que permite ao pesquisador honrar a densidade das experiências compartilhadas no grupo e, ao mesmo tempo, construir categorias analíticas que dialoguem de forma coerente com os objetivos da pesquisa. A seguir, portanto, discute-se a Análise Temática como o método que possibilita iluminar, de forma sensível e sistemática, os significados produzidos na interação grupal.

A Análise Temática

A Análise Temática é apresentada como um método sistemático e reflexivo para a interpretação dos dados coletados. Sua investigação, abrangendo seus fundamentos teóricos e etapas, constitui um dos objetivos específicos deste ensaio, visando identificar as possibilidades de sua aplicação na pesquisa qualitativa. Conforme apontam Bogdan e Biklen (1999), a análise de dados na pesquisa qualitativa não deve ser vista como uma etapa isolada e final, mas sim começar junto à coleta de dados. Essa perspectiva se alinha à Análise Temática, que permite ao pesquisador desenvolver categorias conceituais e teorias que emergem do próprio material empírico.

Braun e Clarke (2006) delineiam fases principais para a condução da Análise Temática, as quais, embora sequenciais, são frequentemente realizadas de forma recursiva e reflexiva.

O primeiro passo é a imersão profunda no material de pesquisa já transcrito, com

o objetivo de buscar sentidos e significados. Esta fase inicial é crucial para a compreensão da diversidade dos dados. Em seguida, acontece a organização dos dados de forma sistemática, atribuindo códigos a destacando características do material. Com isso, o pesquisador começa a organizar os diferentes códigos em temas potenciais, para que possa realizar a revisão posteriormente. Em seguida, inicia-se a definição e nomeação desses temas, definindo o que cada um representa, qual o seu foco e por que são interessantes. E, por fim, é a fase da produção do relatório, apresentando os temas de forma persuasiva e com evidências dos dados que os sustentam.

Um dos benefícios da Análise Temática é a sua flexibilização. Para Braun e Clarke (2006, p. 3), “através da sua liberdade teórica, a Análise Temática fornece uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que pode potencialmente fornecer um conjunto rico e detalhado, ainda que complexo de dados” (tradução pessoal). Essa flexibilidade é importante para o campo da pesquisa qualitativa, permitindo ao pesquisador uma postura ativa e criativa na interpretação dos dados, desobedecendo com os métodos excessivamente rígidos.

No entanto, é justamente a liberdade deste método de análise que exige transparência metodológica e uma precisão analítica por parte do pesquisador. A flexibilidade, se não for bem gerenciada, pode se converter em um desafio, gerando uma simplificação excessiva dos dados ou à falta da descrição do processo de construção dos temas, o que compromete a credibilidade dos achados. Para evitar esses desafios, o pesquisador deve detalhar a condução das fases, como a organização em temas, revisão, a definição e nomeação desses temas, explicitando o que cada um representa, qual o seu foco e por que são interessantes.

Articulação Metodológica: Grupo Focal e Análise Temática

A articulação metodológica entre Grupo Focal e Análise Temática pode ampliar a densidade interpretativa de uma pesquisa, favorecendo o enriquecimento da escuta e do diálogo. A Análise Temática, como um método reflexivo para a interpretação dos dados, pode fornecer a estrutura necessária para tratar o material rico e dinâmico produzido pela interação grupal.

Enquanto o Grupo Focal gera um material empírico denso e multifacetado, ela

também pode dispor a estrutura para a identificação, análise e categorização dos padrões que vão surgindo dessa interação.

Desse modo, a análise não se restringe à descrição do conteúdo das falas, mas de entender as dinâmicas discursivas e simbólicas que se manifestam nas narrativas dos participantes. Para concretizar essa articulação, a Análise Temática atua como um aparelho interpretativo que extrai a "essência" (Braun; Clarke, 2006) do material discursivo, permitindo desvelar núcleos de sentido, transformando a transcrição de um debate em categorias conceituais que se relacionam diretamente com os objetivos da pesquisa. As fases dessa análise, como a codificação sistemática e a busca por temas, permitem ao pesquisador organizar a complexidade das interações do Grupo Focal. O que se destaca é a capacidade de ir além da mera menção do que foi dito, alcançando a compreensão de como e por que certas narrativas se destacam ou se confrontam no grupo.

No Grupo Focal, as falas não são produzidas isoladamente, elas surgem da interação entre os participantes, das concordâncias, discordâncias e silêncios. Essa riqueza de trocas permite observar diferentes ângulos de um mesmo fenômeno. Ao aplicar a análise temática a esse material, o pesquisador pode identificar padrões que se repetem e pontos de tensão, percebendo como as pessoas constroem significados parecidos ou diferentes sobre um mesmo tema.

Assim, a validade interpretativa é fortalecida porque as conclusões não se baseiam em diálogo isolado, mas em padrões que emergem de um diálogo coletivo, permitindo compreender não apenas o que foi dito, mas como e por que certas ideias se sustentam ou entram em conflito.

Com isso, a articulação entre Grupo Focal e Análise Temática não apenas constroem uma riqueza empírica e teórica da pesquisa, mas também reafirma a natureza processual e dialógica do conhecimento nas ciências humanas. Ao aliar a escuta coletiva à sistematização analítica, o pesquisador constrói um percurso metodológico que é ao mesmo tempo rigoroso e sensível, capaz de revelar os significados que os sujeitos atribuem às suas experiências e de transformá-los em categorias interpretativas que dialogam com o campo teórico.

Essa escolha metodológica está comprometida com a compreensão crítica da realidade e com a valorização da voz dos pesquisados.

Este ensaio metodológico buscou compreender a combinação entre o Grupo Focal e a Análise Temática como estratégias complementares de produção e interpretação de dados na pesquisa qualitativa em educação. Ao longo da discussão, a proposta enfatizou a relevância de se abordar a investigação a partir de uma perspectiva articulada, justificando a necessidade de aprofundar a compreensão sobre o uso de diferentes instrumentos na pesquisa qualitativa em educação. A articulação dessas técnicas oferece perspectivas complementares sobre o fenômeno estudado, permitindo que a pesquisa se beneficie da riqueza e diversidade da natureza dos dados produzidos pela interação do Grupo Focal.

Conforme discutido, a proposta metodológica transcende o aspecto meramente técnico, alcançando uma dimensão epistemológica e ética. A escuta atenta e a interpretação sensível das experiências humanas são centrais para revelar dimensões subjetivas e simbólicas da realidade educacional. Nesse sentido, o ensaio reforça a importância de abordagens que reconhecem a subjetividade como parte constitutiva da produção do conhecimento. O Grupo Focal se destacou como uma técnica essencialmente focada na interação dos sujeitos, o que permite captar a sinergia própria do grupo, fazendo emergir ideias e reelaborações que seriam dificilmente obtidas por outros métodos. A Análise Temática de Braun e Clarke (2006) forneceu o método sistemático e reflexivo necessário para tratar e organizar a complexidade gerada por essa interação grupal.

Este ensaio reafirma a dimensão epistemológica e ética da pesquisa qualitativa em educação. Ao legitimar a subjetividade e a intersubjetividade como fontes válidas de conhecimento e ao adotar uma escuta sensível das experiências humanas, a metodologia defendida contribui para fortalecer práticas investigativas que unem o rigor analítico à sensibilidade humana. A combinação do Grupo Focal e da Análise Temática pode oferecer, assim, um caminho sólido para a produção de um conhecimento que é, ao mesmo tempo, profundo, coerente e eticamente responsável perante as realidades educacionais investigadas.

Agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), cuja bolsa de pesquisa proporcionou as possibilidades para participação

Referências

ANDRADE, M.; AMORIM, V. Grupo Focal: a pesquisa com foco na interação dos sujeitos. In: MARCONDES, M. I.; TEIXEIRA, E.; OLIVEIRA, I. A. Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação. Belém: EDUEPA, 2010.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1999.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

GATTI, Bernadete A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

